

CURITIBA, DOMINGO, 13 DE ABRIL DE 1986

Um tiro. Um maníaco ferido. É a polícia feminina em ação

Manhã de terça-feira, dia 1º, a sala de espera já está lotada. As mulheres aguardam, cabisbaixas, a vez. Várias esperam a presença dos companheiros agressores. Durante e depois de um feriado prolongado (como o da Samana Santa) o movimento costuma ser intenso na Delegacia da Mulher.

A superintendente Iara Bastos caminha de uma sala para outra, atendendo diferentes casos. A delegada titular Tereza Ermelino dos Santos, precisou sair, resolver um caso importante. As escrivãs não param de trabalhar. Essa não é uma manhã como as outras. Na tarde anterior, agentes femininas tiveram que balear um maníaco sexual para não serem mortas. Ele acabou hospitalizado e foi destacada uma policial para ficar de plantão no hospital. Essa foi a primeira vez que as agentes de segurança da Delegacia da Mulher usaram suas armas, desde a criação da especializada.

Protázio de Souza Borges, 58 anos, feirante, que há um ano violentou a enteada de 11 anos, foi denunciado na DM pela companheira, Aparecida Sirlei da Silva, mãe da menina. No final da tarde de segunda-feira passada (dia 31), as agentes Volga e Reni foram até a casa do acusado, na Vila Santa Luzia. Ao darem voz de prisão para Protázio elas foram ameaçadas de morte pelo acusado, que empunhava uma faca. Avançando contra a agente Reni e gritando que "nem homem me leva preso", ele foi advertido por Volga que estava disposta a atirar. Para defender a companheira, Volga não teve outra alternativa. Efetuou um disparo, atingindo-o no peito. Em seguida, o feirante foi levado ao Hospital do Cajuru.

Rotina

Violências como essa fazem parte da rotina da DM. Para Rosa Barba Jorge Ribeiro, 31 anos, três filhos, o

domingo de Páscoa foi "inesquecível". O companheiro, Roberto Alves da Costa, 41 anos, pedreiro, e pai dos dois filhos, menores de Rosa a agrediu com muita violência. Com o olho direito arroxado e bastante inchado, Rosa esperava, na Delegacia da Mulher conseguir a separação do companheiro (com quem não é legalmente casada). Lamentou que essa não foi a primeira vez em que foi agredida. Disse que já foi espancada quatro outras vezes. Dessa vez, chegou a perder os sentidos. Ela culpou, em parte, o vício da bebida, mas disse que o marido é normalmente agressivo, e que já foi presidiário em São Paulo, onde é conhecido como "fndio".

Antes de procurar a DM, Rosa esteve na Delegacia de Pinhais pois reside na localidade de Guarituba, em Piraquara. Com fortes dores de cabeça, Rosa ficou de levar a intimidação para o companheiro, que seria entregue por outra pessoa, mas acreditava que Roberto não compareceria, ficaria foragido enquanto a situação durasse. Ela demonstrou muito medo.

No outro canto da sala, Maria dos Santos Silva, 23 anos, um filho, contou história parecida. Ela casou-se aos 16 anos e nesse período já abortou quatro vezes, como consequência da violência empregada pelo marido.

Disse que apanhou "feio" duas vezes e diversas ocasiões foi ameaçada de morte, com faca. Morava em Naviraí (MS) e veio para Curitiba em junho de 1984, sem que o marido a procurasse. Escreveu diversas cartas para o marido e não obteve resposta. Há dois meses está morando com um primo e tem medo que o marido a procure agora, e lhe tome o filho, de quatro anos de idade.

Maria disse que até permitirá que o pai visite o filho, mas teme novas agressões tanto para si própria como

para o novo companheiro. "Não quero mal pra ele, nem pra ninguém. Durante os seis anos que estivemos casados nunca o trai. Mas estou com medo que ele apareça, de uma hora para outra, e venha me ameaçar".

Medo

Para a advogada Margareth Zanardini, que é procurada por grande número de mulheres vítimas de agressões por seus maridos, a violência contra mulheres é praticada em todas as classes sociais. Segundo ela, suas clientes com situação econômica estável, têm o mesmo medo da violência dos homens que têm as mulheres mais pobres de classe social inferior.

Zanardini disse que os homens (principalmente os bem situados economicamente) não levam a sério a Delegacia da Mulher. "Eles acham engraçado e dizem que quem tem dinheiro não vai preso". Segundo a advogada, tão sérias são as ameaças que as mulheres, muitas vezes, hesitam. Perguntam: "Doutora, eu tiro a queixa? Estou com medo". Margareth esclarece que queixa de lesão corporal não se retira "porque é ação pública, é obrigatório dar continuidade". E explica que ameaça também é crime, de mal injusto e grave, constante no Código Penal.

Margareth Zanardini lembra que quando a mulher procura uma advogada é porque foi seviciada ou porque deseja entrar com ação de alimentos, para sobreviver junto com os filhos. Na esfera criminal, pretende determinar a culpabilidade ou não do marido. Segundo ela, as chances existem, "desde que levadas à sério e, que a mulher não se intimide. É como uma ação qualquer". na esfera criminal, desde que se comprove lesões corporais, ameaça ou qualquer outro crime há possibilidades de vitória, e na cível, desde que seja comprovada renda do homem, ele deverá sustentar a família.